

Alimentos pressionam inflação no início de 2026

Apesar de o IPCA de abril ter desacelerado no País, segmento de alimentação e bebidas subiu 1,34% no período

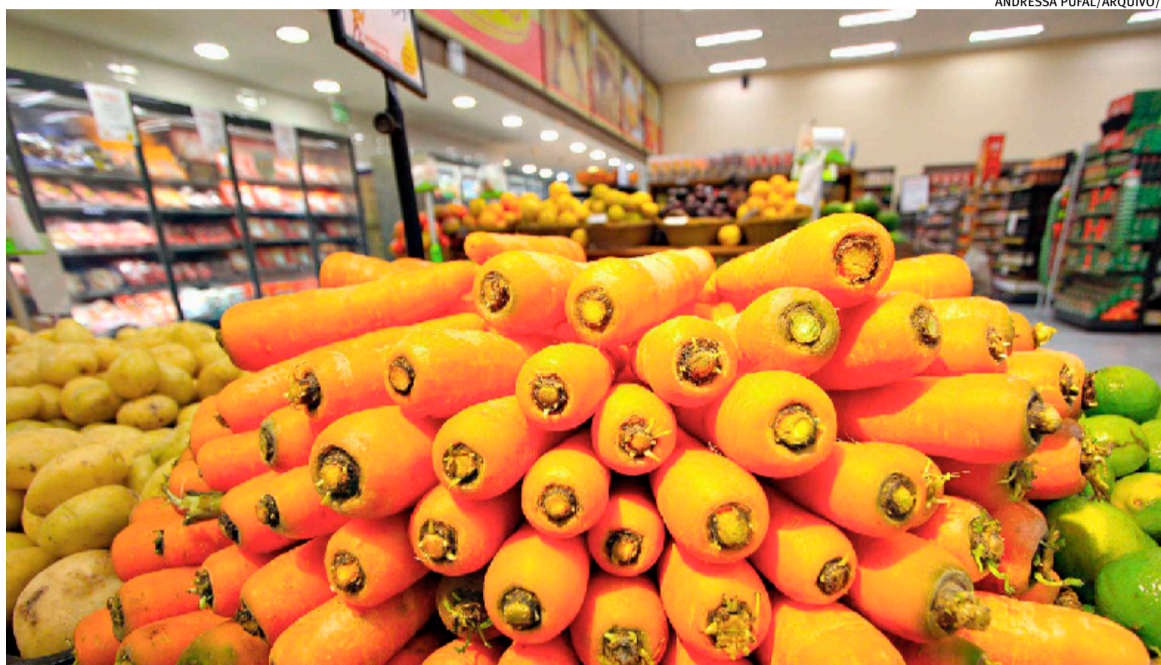
/ CONJUNTURA

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

A inflação desacelerou em abril, mas o preço da comida voltou a ocupar o centro das preocupações no orçamento das famílias. Divulgado nesta terça-feira pelo IBGE, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) fechou o mês em 0,67%, abaixo dos 0,88% de março. No acumulado do primeiro quadrimestre, porém, a alta já chega a 2,60% no Brasil. Em Porto Alegre, o índice soma 2,22% entre janeiro e abril, mas a alimentação dentro de casa avançou em ritmo mais forte: 3,54% no período.

O movimento marca uma mudança de sinal em relação ao fim do ano passado, quando os alimentos vinham ajudando a aliviar a inflação. Em 2025, depois de fortes aumentos nos anos anteriores, o grupo Alimentação e bebidas acumulou alta de 2,95%, com meses de queda nos preços dos produtos consumidos dentro do domicílio. O alívio, no entanto, parece ter ficado para trás.

Em abril deste ano, Alimentação e bebidas subiu 1,34% no Brasil e respondeu por 0,29 pon-



ANDRESSA PUFAL/ARQUIVO/JC

Itens como cenoura, leite longa vida, cebola, tomate e carnes puxaram o índice na leitura do último mês

to percentual do IPCA, quase metade da inflação do mês. A alimentação no domicílio avançou 1,64%, puxada por itens presentes no cotidiano das famílias, como cenoura (26,63%), leite longa vida (13,66%), cebola (11,76%), tomate (6,13%) e carnes (1,59%). Café moído (-2,30%) e frango em pedaços (-2,14%) foram exceções de queda.

Na capital gaúcha, a pressão foi ainda maior. A alimentação no domicílio subiu 2,07% em abril,

acima da média nacional, depois de já ter avançado 1,48% em março. Apesar disso, em 12 meses, a variação em Porto Alegre ainda é baixa, de 0,18%, o que reforça a leitura de que a pressão é recente e ganhou força sobretudo nos últimos meses.

Para o economista-chefe da Farsul, Antonio da Luz, o quadrimestre pode ser dividido em duas fases. “Nós vínhamos bem nos dois primeiros meses do ano, com

inflação relativamente controlada. Mas, desde a alta dos combustíveis, começamos a ver uma escalada também nos preços dos alimentos”, afirma. Segundo ele, o aumento do diesel e da gasolina, impactado pela guerra no oriente Médio, encarece a produção, o transporte até a indústria, a distribuição e a chegada dos produtos ao varejo.

“O aumento do preço do combustível chega muito forte na gôn-

dola do consumidor, porque encaixa toda a cadeia produtiva até a distribuição para o varejo. O efeito no consumidor é redundante”, avalia Da Luz.

Para o economista, os efeitos climáticos podem explicar oscilações pontuais em alguns produtos, mas não a inflação generalizada dos alimentos.

Já a leitura da Fecomércio-RS é de que a pressão atual ocorre sobre uma base já elevada. A economista-chefe da entidade, Patrícia Palermo, lembra que os alimentos subiram muito acima da média da economia desde 2020. Por isso, mesmo quando a inflação desacelera, o consumidor não percebe necessariamente uma volta aos preços anteriores. “No ano passado, os alimentos tiveram uma inflação mais baixa, mas eles não ficaram baratos. Continuaram subindo, só que menos do que em outros momentos e menos do que a média da economia”, pontua Patrícia.

O resultado direto desses fatores é a mudança percebida no comportamento dos consumidores. “Então, a substituição de produtos, marcas e hábitos no supermercado não pode ser pensada como um fenômeno novo, mas um comportamento que vem se consolidando nos últimos anos”, continua.

Impacto é maior sobre as famílias de menor renda

O quadro ajuda a explicar por que a inflação dos alimentos vem pesando mais sobre famílias de menor renda. O Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), que mede a inflação para domicílios com renda de um a cinco salários-mínimos, ficou em 0,81% em abril, acima do IPCA. No ano, acumula 2,70%. Como a alimentação ocupa fatia maior do orçamento dessas famílias, qualquer aceleração no supermercado reduz a margem para outros gastos.

Patrícia aponta quatro fatores que devem seguir no radar nos

próximos meses: combustíveis, custos de produção, clima e demanda aquecida. “Os alimentos, que ajudaram a aliviar a inflação no ano passado, não vão cumprir esse papel neste ano”, afirma. Para ela, não há, no cenário atual, nenhum indicativo claro de alívio no curto prazo.

No entanto, a avaliação do professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs) Gustavo Inácio de Moraes é menos pessimista. Ele reconhece a pressão no quadrimestre, mas vê o movimento como típico do início

do ano e ainda concentrado em alguns grupos.

“Esse é um momento tradicional de pressão sazonal sobre os alimentos. É uma elevação típica da estação, que vem ocorrendo praticamente em todas as capitais”, pondera.

O economista ressalta que, no acumulado em 12 meses, a inflação de alimentação ainda roda abaixo do índice geral. Enquanto o IPCA acumula 4,39%, Alimentação e bebidas soma 2,69% no Brasil. “Eu não me impressionaria tanto com os números do quadrimestre. Hou-

ve um movimento de remarcação ligado principalmente aos combustíveis e ao petróleo, que funcionam como sinalizadores para o restante da economia”, diz.

Para de Moraes, a desaceleração da atividade econômica e o câmbio mais comportado podem reduzir pressões no segundo semestre, especialmente sobre fertilizantes e insumos agrícolas. “Com as informações que temos hoje, a tendência é de que o IPCA desacelere ao longo do ano, inclusive dentro do grupo de alimentação”, projeta.

Mesmo entre leituras diferentes sobre a duração da pressão, há consenso de que o alimento voltou a ser variável decisiva sobre a inflação. O primeiro quadrimestre de 2026 não repete, por ora, a intensidade do início de 2025, quando Alimentação e bebidas acumulava 3,70% no mesmo período (neste ano, a alta é de 3,44%). A diferença, porém, é pequena o suficiente para reacender o alerta, especialmente porque o alívio do ano passado ainda não recompôs o poder de compra perdido desde a pandemia.

Porto Alegre sente a alta, mas índice geral fica abaixo do Brasil

Embora a alimentação dentro de casa tenha subido mais em Porto Alegre do que na média nacional em abril, a inflação geral da Capital ficou em linha com a do País no mês, em 0,67%. No acumulado do ano, o IPCA regional está em 2,22%, abaixo dos 2,60% do Brasil. Em 12 meses, a taxa

chega a 4%, também inferior aos 4,39% nacionais.

Além dos alimentos, o IBGE destacou em abril o reajuste de 8,18% nas tarifas de ônibus intermunicipal em Porto Alegre, incorporado ao índice a partir do dia 8. No País, os transportes desaceleraram de 1,64% em março para

0,06% em abril, influenciados pela queda de 14,45% nas passagens aéreas. Ainda assim, a gasolina subiu 1,86% e foi o principal impacto individual do IPCA do mês.

No recorte regional, os dados também mostram que a pressão inflacionária na Capital tem sido menos disseminada do que em

outras regiões do Brasil, apesar da forte alta recente dos alimentos. Porto Alegre fechou abril exatamente na média nacional do IPCA, enquanto cidades como Goiânia (GO) chegaram a registrar inflação de 1,12% no mês.

Ainda assim, economistas observam que o comportamen-

to dos preços no Estado merece atenção justamente pelo peso que alimentação, combustíveis e energia têm no orçamento das famílias gaúchas, especialmente após anos seguidos de perda de poder de compra e da reconstrução econômica do Rio Grande do Sul no pós-enchente.